



SUBSÍDIOS

O significado de ser judia para três gerações de mulheres do Rio Grande do Sul

The meaning of being Jewish for three generations of women in Rio Grande do Sul

Bruna Krimberg von Mühlen*

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender a identidade de mulheres judias ao longo de três gerações a partir das histórias de vidas de mulheres judias do Rio Grande do Sul, observando como elas entendem e lidam com as normas sociais na cultura judaica, e se enfrentam cativeros ao longo de suas vidas. E se existe superação de geração para geração. Para obter respostas, foram realizadas entrevistas narrativas individuais de histórias de vida, com três famílias judias do Sul do Brasil, somando nove mulheres de três gerações. As entrevistas foram analisadas através da análise do discurso de Rosalind Gill. Como resultado, foi identificado que as mulheres de terceira geração já têm consciência da origem das tradições judaicas sexistas, e que mulheres judias são elevadas no discurso, consideradas mais espiritualizadas, mas, na prática, são excluídas.

Palavras-chave: Mulheres judias. Família judaica. Gênero. Análise do discurso.

Abstract: This article aims to understand Jewish Women identity over three generations through Rio Grande do Sul Jewish Women lives histories, observing how they deal and understand the Jewish culture social rules, and if they face captivities trough their lives. Personal narratives of life histories were carried out with three Jewish families from the south of Brazil, adding nine women from three generations. The interviews were analyzed with the Rosalind Gill discourse analysis. As a result, it has been identified that third generation women are already aware of the origin of Jewish sexist traditions and that Jewish women are lifted in the discourse when considered more spiritualized, but in practice are excluded.

Keywords: Jewish women. Jewish family. Gender. Discourse analysis.

Introdução

Falar de barreiras que as mulheres enfrentam ao longo de suas vidas é pensar em aprisionamentos que se dão, principalmente, em espaços psicológicos e culturais. Essas barreiras são as mais difíceis de superar, pois, segundo Pierre Bourdieu (2001), são violências simbólicas enraizadas através das gerações nas sociedades. Elas explicam o mecanismo que faz com que indivíduos vejam como “natural” as representações sociais dominantes; a dominação imposta pela aceitação de regras, a incapacidade de conhecer regras de Direito. As somas dessas representações simbólicas estão inscritas nas estruturas do pensamento, assegurando sua reprodução social.

Assim, neste texto, estamos interessadas em discutir como são construídas e reproduzidas barreiras de dominação nas famílias de mulheres judias que as prendem

*Doutora em psicologia (PUC-RS). Professora da UCS. Contato: brunakm.psic@gmail.com.

em crenças e comportamentos, moldando modos de vida e limitando oportunidades, existindo, assim, violência simbólica.

Não há estudos específicos sobre a condição feminina na história judaica até a década de 70 do século passado (Feldman, 2006). Assim, a importância de se estudar mulheres judias é principalmente dar-lhes visibilidade, entendendo as representações existentes. Como não existe apenas um tipo de mulher, não existe só um jeito de ser mulher judia. Assim, queremos analisar as diferenças e semelhanças entre elas, as de mesmas gerações e as de diferentes, valorizando as várias formas de ser e a diversidade de experiências. Também queremos trazer à tona as barreiras que muitas vezes são naturalizadas, principalmente entre linhas mais religiosas, que tomam tradições como lei.

Na busca do entendimento da vida das mulheres judias, além de teorias de gênero, utilizamos como base teórica a teoria do espaço consciente de Burlae (2004), que compreende a violência como o senso de ser capturada por um espaço de barreiras sexistas e culturais, afetando a integridade psicológica das mulheres. Invasões, enquanto violência contra mulheres, são normalizadas na cultura patriarcal, em que as mulheres são mantidas presas em determinados espaços. Essas regras culturais oferecem papéis para manter a hierarquia patriarcal. Como a mulher não é protegida pela cultura, ela deve usar estratégias e estabelecer limites para evitar aprisionamentos. Quando tomam consciência, começam a surgir necessidades de mudanças e prevenção (BURLAE, 2004).

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é compreender a identidade de mulheres judias ao longo de três gerações, a partir das histórias de vidas de nove mulheres judias do Rio Grande do sul, observando como elas entendem e lidam com as normas sociais na cultura judaica, e se enfrentam catividades ao longo de suas vidas (Burlae, 2004). E se existe superação de geração para geração.

Método

A abordagem da pesquisa é qualitativa exploratória, descritiva e interpretativa, pois são formuladas categorias emergentes e analisadas de forma a se compreender as realidades sociais. E, assim, valorizando o significado dos fenômenos vividos pelas mulheres judias e a importância do contexto social em que foram construídos, interpretando o corpus e gerando sentido do que é explícito (Bauer, Gaskell, Allum, 2002; Chizzotti, 2003; Gonçalves, Lisboa, 2007).

As mulheres que aceitaram participar deste estudo são membros de três gerações (filhas, mães e avós) de três famílias judias entrevistadas. Para fazer parte desta pesquisa, foi necessário que todas as mulheres pertencentes às três gerações consentissem em participar como entrevistadas.

As participantes são FA, MA, VA (família A), FB, MB, VB (família B), FC, MC e VC (família C). No momento da entrevista, FA, FB e FC tinham entre 20 e 30 anos; MA, MB e MC, entre 40 e 60 anos; E VA, VB e VC, entre 70 e 90 anos. As mais jovens (terceira geração) eram estudantes universitárias ou recém-formadas no ensino superior. Na segunda geração todas possuem ensino superior e trabalham em sua área

de formação. E as da primeira geração não têm ensino superior, mas todas trabalharam e estão aposentadas. A maioria têm ambos, pai e mãe, nascidos no Brasil, exceto uma mulher da terceira geração e duas da primeira geração. Quatro se disseram praticantes do Judaísmo, três não e uma parcialmente.

Para construir o corpus do estudo foram utilizadas entrevistas narrativas sobre histórias de vida. A história de vida se utiliza da biografia centrada em indivíduos ou grupos sociais e é obtida, principalmente, através de entrevistas. E as entrevistas narrativas são verbalizações que não devem ser interrompidas; nelas, a informante relata livremente, em linguagem coloquial, o que pensa acerca do tema da pesquisa (Scarparo, 2008).

Seguindo o modelo de Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer (2002), começamos informando às entrevistadas sobre o contexto da pesquisa. Em seguida, pedimos que a narrativa se iniciasse a partir do seguinte tópico central: “conte o que é ser mulher judia através da sua história de vida”.

Para a análise dos dados, utilizamos a Análise de Discurso proposta por Rosalind Gill (2002), que trabalha com o sentido do discurso e não com o conteúdo do texto. Incorpora experiências subjetivas a contextos sociais, fornecendo base consistente para o entendimento de fenômenos individuais (Corrêa, Guiraud, 2009). O termo discurso se refere a todas as formas de fala e a todos os tipos de textos (Gill, 2002; Silva, Lucena, 2011; Rocha, 2017). Conforme Jovchelovitch e Bauer (2002), contar histórias é uma necessidade humana, uma forma de comunicação.

Como base teórica para a compreensão das narrativas coletadas, utilizamos os estudos de gênero, que compreendem o masculino como hegemônico nas diferentes sociedades e submete o feminino a um lugar de inferioridade, dentro do sistema ainda influenciado pelo patriarcado (Scott, 2002). Entretanto, gênero não pode ser visto e analisado de forma isolada. Mais do que isso, gênero é dinâmico e se articula com outros eixos de diferenciação, como a religião, levando-se em consideração que todas as diferenciações sociais compreendem estruturas de poder (Kosminsky, 2007).

Todo o estudo foi conduzido de acordo com os preceitos éticos estabelecidos para pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, por meio da Resolução 466/2012. O projeto teve aprovação da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUC-RS e do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-RS (parecer consubstanciado 1.238.363, de setembro de 2015). Todas as entrevistadas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram realizadas entre outubro de 2015 e janeiro de 2016. No presente texto, utilizamos abreviaturas inventadas para cada participante a fim de assegurar o sigilo.

Resultados e discussão

Dividimos esta sessão em três categorias a partir do processo de análise dos dados. As categorias são teóricas e empíricas.

A primeira categoria, “identidade judaica”, deu-se pela orientação: “conte o que é ser mulher judia através da sua história de vida” e provavelmente emergiu da própria forma de eliciar a narrativa, visto que todas as mulheres falaram sobre ser judia e as

relações que elas constroem em torno dessa condição. Algumas enxergam o Judaísmo como cultura, outras como religião, e algumas oscilam entre estes dois aspectos.

A segunda, gênero, pode ser considerada uma “supercategoria”, já que as demais – identidade judaica e transgeracionalidade – são atravessadas por ela. De uma perspectiva interseccional, as mulheres não podem falar em identidade e geração sem a referência a gênero. Por isso, em todas as categorias as questões de gênero estão presentes. Gênero é uma categoria relacional e, por isso, diz respeito às relações construídas pelas mulheres entrevistadas, permeadas pela cultura em que elas nasceram, até as experiências que tiveram ao longo de suas vidas, chegando ao contexto cultural atual de cada uma.

A terceira categoria foi a transgeracionalidade, visto que todas as entrevistadas fizeram referência às gerações mais novas (mesmo as filhas que falaram sobre a continuidade do Judaísmo quando tiverem filhos algum dia) e as gerações mais velhas, ao relatarem suas histórias de vida e valores transmitidos, relacionados a ser mulher e ser judia.

Categoria identidade judaica

Geertz (1989), em sua análise sobre a religião como sistema simbólico, sugere que a religião tem a capacidade de servir, para um indivíduo ou grupo, como fonte de concepções do mundo, de si próprio e de suas relações, um modo de ver e agir no mundo.

As narrativas advindas da religião judaica atuam no processo de construções de controle e dominação das mulheres pelos homens, o que se verifica nas construções religiosas da ideia de mulher das mais diversas religiões (Scott, 1992).

A cultura judaica tem papel de ser constitutiva em todos os aspectos da vida social (Muhlen, Strey, 2012). Ela se articula ao poder, tendo a capacidade de influenciar o modo como operam as instituições, regular as práticas sociais e determinar a maneira como as pessoas se comportam nos âmbitos sociais – do escolar ao familiar (Hall, 2003).

Considerando que as identidades são construções sociais, VA conta que na sua infância, na escola, diziam que os judeus mataram Cristo, e que na aula de religião falavam que o judeu é rico porque rouba. Mas, segundo a história, após a revolução industrial, muitos judeus não conseguiam emprego, pois naquela época a maioria era religiosa e não trabalhava no dia de *shabat* (período que corresponde ao pôr-do-sol da sexta feira ao pôr-do-sol do sábado, dia de descanso que representa o sétimo dia do Gênesis, após o sexto dia de criação); assim, alguns mitos foram se construindo.

FC, de geração mais nova, também conta que no seu colégio escutou ofensas antissemitas. Diz que ouviu pessoas falando que ela é “pão dura”. Conta que tem uma tatuagem em hebraico, e sua mãe a orienta para não deixar à mostra nem falar que é israelense. Fala que as pessoas têm muitos conceitos errados.

Quando alguém não se enquadra nas normas impostas pela cultura dominante, em que a regra é masculina, branca e, aqui acrescentamos, não judia, é excluído e sofre o preconceito dessa sociedade que dita tais normas e espera que elas sejam cumpridas. Através do preconceito disseminado, a sociedade consegue manter, de certa maneira, o como espera que as pessoas se comportem. E isso é violência, responsável inclusive por genocídios, como na 2ª Guerra Mundial, e feminicídios.

MB conta que seu marido perdeu toda a família na guerra e seu sogro fugiu com a esposa e os filhos, e que teme que a história se repita. Apesar de a Segunda Guerra Mundial não aparecer em todas as falas, o extermínio de judeus está presente em todas as identidades de pessoas judias. Afinal, judeus sempre foram perseguidos (seja no nazismo, no Egito ou na Inquisição) e o antissemitismo ainda existe no mundo. No dia 27 de outubro de 2018, um homem entrou em uma sinagoga em Pittsburgh, nos Estados Unidos, e matou 11 judeus e judias (BBC, 2018). Esse fato apenas reforça a constatação de que o medo também faz parte da identidade judaica.

VC fala das consequências da guerra, que na Europa todas as portas estavam fechadas, inclusive no Brasil. MB diz que sempre vão apontar para os judeus. Não estudou em colégio judaico e, sim, em colégio público. Ali e na faculdade, sempre apontavam para ela. Já FA, em todos os lugares que vai e ficam sabendo que é judia, sente-se diferente, mas não de forma negativa, mas como alguém que tem seus próprios costumes.

FC acha que ser mulher judia é algo cultural, de conexão, de língua, de costumes, e de se identificar com outros judeus quando se está viajando e se encontra com alguém de outra nacionalidade, mas que também é judeu. Sua avó, VC, diz que sua vida como mulher judia é a mesma que a de qualquer outra brasileira. Já MB sente preconceito, mas também se enxerga como igual: diz que é igual a todo mundo e que tem que fazer com que os filhos sigam, de alguma forma; e que não se esqueçam de que são judeus.

Sentir-se igual ou diferente é algo inerente ao conceito de identidade. O que as identidades têm de semelhante é o fato de serem vistas e tratadas como iguais pela cultura hegemônica, o que acontecia no nazismo em relação aos judeus. Toda identidade se constrói pela diferença, as identidades são permeadas pela sociedade e pela política (Hall, 2003).

FC cita um fator que considera vantagem para as judias: que, segundo a tradição ortodoxa, só é judeu quem é filho de mãe judia (acredita-se que foi uma necessidade, pois, antes, não se podia ter certeza de quem era o pai), independente da religião do pai. Nilton Bonder (1998) conta que, antes, o Judaísmo era patrilinear, mas com as invasões romanas, os romanos estupravam mulheres e matavam os homens, e foi por isto que o Judaísmo passou a ser matrilinear; assim, os filhos das mulheres passavam a ser judeus.

MA sempre foi ligada à religião. Achavam que ela iria se casar com um rabino e que sempre se preocupou em saber como cozinhar no Judaísmo, o porquê de a mulher ter que cobrir a cabeça, como rezar. Esse discurso carrega uma expectativa de que ela, como mulher judia, cumpriria certas atividades consideradas femininas pelo patriarcado. Já MB concorda em manter tradições, pois judeus são minoria, mas não de um jeito ortodoxo.

VB narra que ia na sinagoga, gostava das festas judaicas, se sente judia, mas não segue as práticas. FB sabe que, pelos religiosos, não seria reconhecida como praticante, mas que acende as velas do *shabat* e que vai à sinagoga nas festas.

Muitos judeus conservadores e liberais não se sentem reconhecidos pelos ortodoxos, que seguem as tradições à risca. Existe uma cobrança no Judaísmo ortodoxo de que as mulheres devem se comportar de determinada forma.

MB tem uma visão positiva dos costumes ortodoxos e não sente as barreiras impostas pela religião. Fala em preconceito entre judeus, dos menos religiosos pelos mais

religiosos e vice-versa. Observa que os menos religiosos têm preconceito pela “comida *kosher*” por desconhecer que é uma comida inspecionada e que, se tivesse a oportunidade de somente comer “*kosher*”, comeria, pois existe um motivo para tal prática. Pela lei judaica, um animal deve ser morto com o mínimo de sofrimento possível. No entanto, apenas homens podem matar, pois a mulher é considerada frágil para isso. O que evidencia a desigualdade de gênero no Judaísmo.

De acordo com Schuster (2015), a comida conecta com o passado, com as raízes, é um símbolo da comunidade. O nível em que judias se relacionam com a comida local, enquanto preservam comidas tradicionais, reflete a complexa construção da identidade. Devido aos fatores de tempo, local, miscigenação e interpretação religiosa e filosófica, geralmente cada comunidade possui tradições diferenciadas de um grupo para outro. As fronteiras das identidades étnicas podem se tornar mais flexíveis ou rígidas no processo de aculturação.

MC diz que só sentiu o que era ser judia após sua estada em Israel e, principalmente, depois de ser mãe, uma “*iddish mom*”. MC deixa claro que ser judeu e israelense não andam necessariamente juntos, pois seu ex-marido é israelense, mas não segue rituais judaicos. Muitos judeus, após a guerra, queriam algum lugar para emigrar onde não corressem risco de serem perseguidos, abandonando práticas judaicas.

Ser judeu não está delimitado por uma origem nacional, nem antes da criação do Estado de Israel, em 1948, nem depois. A identidade judaica é principalmente um legado cultural, que, apesar de ter relação com a religiosidade, não está delimitada apenas por ela (Neto et al., 2008). O Judaísmo tem sido compreendido como religião e cultura (Noble et al, 2009), o que fica claro nas falas das mulheres entrevistadas, além das formas plurais de sentir-se judia.

Categoria gênero

O gênero primeiramente foi utilizado para analisar as diferenças entre os sexos, e foi desdobrado na questão das diferenças dentro da diferença. A política de identidade na década de 80 trouxe à tona argumentações que desafiaram o significado único da categoria “mulheres”, isto é, não se pode falar em uma única categoria de mulher (Scott, 1992). Assim, o conceito de gênero deve ser entendido como uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais e sobre as relações que são socialmente construídas. Nesse sentido, a sociedade constrói concepções e funções diferentes para mulheres e homens, o que não é diferente na religião judaica e, nas linhas mais religiosas do Judaísmo, estas desigualdades ficam mais evidentes.

MB fala que, para ela, as mulheres têm um papel muito importante na educação dos filhos, em conduzir a casa e em questões morais. Fala também da possibilidade de transcenderem e ocupar espaços públicos, pois conta que quase todas as mulheres de sua geração estudaram e trabalham. Também conta que foi trabalhar somente após casar.

No Brasil, apenas em 1962, com a Lei 4.121/62, foi criado o Estatuto da Mulher Casada, que consagrou o princípio do livre exercício de profissão da mulher casada, permitindo que mulheres ingressassem no mercado de trabalho, tornando-as economicamente

produtivas, aumentando sua importância nas relações de poder no sistema familiar. Tal aumento de poder econômico da mulher, até então totalmente dependente do marido, trouxe importantes alterações no relacionamento entre os cônjuges, como o início das mudanças nos papéis do casal, e em relação à parentalidade. Porém, as desigualdades seguiram (Canezin, 2004).

Os discursos religiosos exercem papel relevante na produção das desigualdades, e mulheres também ficavam subordinadas aos homens em relação à reza, pois, no Judaísmo, não podem rezar como os homens (em voz alta e em espaços públicos), sendo então, a reza, um elemento de poder (masculino). MB conta que pensa que a mulher deve rezar sozinha, sem precisar rezar em espaços públicos como os homens, que rezam em voz alta há milhares de anos. E diz: “O quê elas ganham? Não entendo o que passa na cabeça, se é assim desde mil anos atrás, que eles continuem fazendo”.

Hannah Arendt (2009) destacou que o sujeito se caracteriza não apenas pela ação que executa, mas pelo discurso que pratica. Conforme Iris Young (2006, p. 157), “uma pessoa só pode ser representada se tudo a seu respeito potencialmente tiver voz no processo político”. Foucault (1996) diz que o discurso é o sujeito inaugurado no mundo da fala. Por isso, a proibição de mulheres rezarem em voz alta, nos espaços públicos, sob a justificativa de serem “mais espiritualizadas”, parece ser uma cilada influenciada pelo patriarcado, que eleva a mulher judia apenas na teoria. Na prática, elas são excluídas dos espaços públicos, tendo seus corpos e vozes controlados por quem domina. São armadilhas e táticas do poder patriarcal.

A tradição da reza ser diferente para homens e mulheres, bem como outras tradições, não são naturais só porque existem há centenas de anos. Se a norma existe, em algum momento foi construída, por algum motivo. Essas reflexões parecem impertinentes para o século XXI, com todos os seus avanços tecnológicos, porém os setores humanos ainda precisam de muitos avanços. A sociedade é a representante dessas parciais transformações, pois ainda não consegue conviver sem discriminar. E oprime o diferente e faz sofrer quem não segue as suas regras, que servem para manter a sociedade funcionando, organizada, através do controle, do medo e da opressão (Foucault, 2006), o que não é diferente no Judaísmo.

MB diz que a explicação para homens e mulheres terem que sentar separados nas sinagogas mais religiosas é porque a sinagoga é o mundo dos homens e que, com as mulheres, eles não teriam a mesma abertura. Butler (2003) defende que a categoria gênero é inconstante e contextual, pois nada é em si mesmo, tudo só existe num processo de diferenciação, em relação.

Assim, muitas escolhas são permeadas por valores influenciados pela cultura patriarcal, que colocam a mulher como responsável por atividades domésticas e educação dos filhos. Essa mesma questão observamos no discurso de MA, da mesma geração, que fala que a mulher já vem pronta, que rezar é um atributo masculino, mas que a mulher estuda as leis judaicas para não ser ignorante, pois ela é tão espiritualizada que não precisaria estudar. Ela consegue enxergar as diferenças atribuídas a homens e mulheres judias, mas não vê como uma desigualdade. MA usa peruca, pois conta que no Judaísmo mais ortodoxo, quando a mulher casa, recebe bênçãos que se grudam no cabelo e apenas o marido pode ver. MA diz que seu marido era contra ela fazer uma

cozinha *kosher*, usar peruca e seguir a lei da modéstia (saia comprida, blusa de manga larga); mas ela diz se sentir bem fazendo o que aprendeu com a esposa do rabino, e que isso a ajudou superar uma situação de saúde da filha. Froma Walsh (2003) fala que a espiritualidade é um dos fatores fundamentais de resiliência. Nesse caso, parece que apesar de MA seguir alguns valores criados pela cultura patriarcal, foi uma escolha dela, e não imposição do marido.

Percebemos no discurso de FA a mesma maneira de enxergar sua mãe; MA assume as regras que a mulher deve seguir no Judaísmo ortodoxo, pois diz que mulher é diferente do homem desde a alma, tem uma elevação tanto espiritual quanto física, o que a leva ter que ser recatada por causa do seu brilho e da sua sedução. A mulher, no Judaísmo, seria mais próxima de Deus e, por isso, não precisaria rezar nem fazer outras tarefas consideradas masculinas pelo Judaísmo ortodoxo. Assim como o cuidado da casa, que seria uma tarefa espiritual e atribuído à mulher. E finaliza dizendo que a judia tem poder, visto que a mulher é referência da casa. Essa interpretação das leis judaicas para essas mulheres pode ser uma maneira de lidar com as diferenças que vivem, sem desejar ocupar novos espaços, considerados masculinos, por imposições sexistas naturalizadas (Burlae, 2004).

Por outro lado, FA aponta mulheres judias empoderadas, desde a Bíblia até Golda Meir, que foi Primeira Ministra de Israel e terceira mulher no mundo em assumir tal alto cargo, relatando que, a partir da saída do Egito, foram as mulheres, como Miriam, irmã de Moisés, que conduziram o povo judeu.

FB compartilha um pouco da mesma visão da mulher no Judaísmo, já que segue a lei judaica de milhares de anos sem questionar, ao dizer que as mulheres não podem ler a *Torah* – a lei escrita judaica – porque está escrito na Bíblia. Para Bourdieu (2001), a violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico, que induz muitas vezes mulheres a se posicionarem no espaço social seguindo as normas do discurso dominante, que aqui seria o masculino, que impede mulheres de se apropriar da lei judaica escrita.

Nesse sentido, vale salientar que a mulher é “liberada” da obrigação de cumprir alguns preceitos, e são determinadas as prioridades a que ela deve dedicar seu tempo. Essas regras – a exemplo de a mulher ser a responsável por ascender as velas do *shabat* –, no Judaísmo, foram historicamente atribuídas de forma diferente a homens e a mulheres (responsáveis por educar os filhos e cuidar do lar).

MC enxerga a mulher judia como protagonista, a partir da sua vivência de filha de mãe viúva. Diz que ser mulher judia é ter iniciativa, é correr atrás dos filhos. Enxerga isso como qualidade, mas por vezes exagerada, pois considera a mistura de mãe judia com brasileira algo que a mãe israelense não tem, e justifica a proteção exacerbada em dobro pelos filhos devido à violência no Brasil. Conta que morava em um “*kibutz*”, casou aos 25 anos e era comum ser mãe, e pensou que deveria ser, mas depois percebeu que isso tinha ligação com o incentivo de Israel para aumentar sua população judia. Essas pressões levam à criação dos cativados simbólicos. Tornando-a cativa de normas sociais que ainda impõem a equação de que mulher é igual a mãe. Sobre isto, Carl Whitaker e Virginia Satir (apud Nichols, Schwartz, 2007) falam que, desde que nascem, as pessoas são limitadas por convenções sociais, e crescem com o afeto reprimido, sem poder expressar, nem entrar em contato reais desejos. MC reconhece que sua mãe segue

sempre presente, cuidando dela e de seus filhos, e que acha que a mãe judia não quer que os filhos cresçam, até para se sentir útil. Isso prova que a mulher é valorizada no papel de mãe, mais que em outros papéis sociais. Ao mesmo tempo em que trabalha e provê, no discurso, isso aparece em segundo plano. Também parece sobrecarregada ao ter que se ocupar das responsabilidades do espaço público, e ainda seguir como a principal figura no privado.

FC fala da desigualdade e preconceito de gênero na sua faculdade e profissão, pois há preconceito contra as mulheres na sua área de atuação, ainda considerada masculina. Já VC conta que primeiro tinha que casar, depois estudar, mas, também, foi protagonista enquanto mulher que proveu a família: seu primeiro marido abriu uma loja enquanto ela dava aulas, mas parou porque não tinha tempo de cuidar dos quatro filhos. Mas, após seu primeiro marido falecer, foi trabalhar na loja, e seus vizinhos diziam que era coisa para homem, e que ela deveria continuar como professora. Claramente, VC sofreu pressões do discurso sexista social, mas conseguiu transcender, pois não deixou de trabalhar na loja. Inclusive fala de sua neta, que, quando entrou na faculdade, sentiu que sua missão não era vê-la casada, mas sim viver sem depender de ninguém.

Já VB diz que sempre trabalhou fora de casa, mesmo tendo casado cedo. Diz que mesmo antes de casar trabalhava, porque tinha quatro irmãos e havia dificuldades. E que sua mãe a incentivou trabalhar para poder comprar o que ela queria. Relata que não sabe por que parou de estudar e se arrepende, o que mostra falta de consciência da cultura patriarcal. VB fala da sua vida afetiva, teve um primeiro namorado antes de seu marido, e diz: “Eu era namoradeira, não era santinha, não”. Ela pôde escolher não casar com o primeiro namorado, um avanço para a época, mas reproduz o discurso social de que mulher que tinha mais de um namorado era malvista. Foucault (1988; 1996) apresenta o conceito de “dispositivos da sexualidade”, em que fala sobre como a sexualidade é produzida e regida pelos inúmeros discursos que são interpretados como verdades absolutas, justificadas por estarem a serviço da manutenção de uma sociedade organizada.

VA conta sobre a chegada da sua família no Brasil, através da *Jewish Colonization Association* (ICA), que trazia imigrantes vítimas de perseguições na Europa, por volta de 1900, e lhes davam um pedaço de terra para trabalhar. Diz que só ganhava terra quem tinha filhos homens. Deixando evidente o espaço designado aos homens (trabalhando na terra e provendo) e onde era o das mulheres: dentro de casa. Fez teste para professora e não passou; então, “foi casar”, segundo seu relato.

É importante questionar a “naturalização” das tradições criadas pela religião judaica. Segundo Burlae (2004), a cada vez que uma mulher não pode ascender a um novo espaço, existe violência em sua vida. Por meio das falas das participantes, pode-se perceber que muitas ainda não conseguem produzir reflexões pessoais sobre as suas atitudes e posições frente à sociedade, porém cada pessoa tem seu tempo e maneira de transcender.

Conquistar liberdade e igualdade de gênero em uma religião tão antiga como a judaica é um processo lento, pois a repetição de costumes herdados e transmitidos de geração a geração, que é alienada em relação à essência ou ao significado original das tradições, tem força de lei. Muitas mulheres ainda não conhecem o embasamento lógico pelos quais os costumes passaram até adquirir a forma que têm. Nesse sentido,

todos perdem, já que o conhecimento de antecedentes prepararia as pessoas a aceitarem as mudanças que permitem a adaptação do Judaísmo milenar ao moderno. Isto é, a continuidade do processo típico judaico de dar respostas às novas perguntas levantadas por cada geração (Kochmann, 2005). Assim, segundo Kosminsky (2004, p. 288) “as tradições étnico culturais consistem da seleção dos seus componentes, revisão de tradições culturais herdadas e invenção de novas tradições”.

Categoria gerações

Encontramos na contemporaneidade famílias compostas, geralmente, por três a quatro gerações. A unidade familiar existe na dimensão linear do tempo, fazendo com que a influência que as gerações anteriores tenham sobre as próximas gerações costume ser grande (Carter, McGoldrick, 1995).

MC narra que sua mãe é seu modelo de como deve agir a mulher judia, pois assim agiam suas antepassadas na educação dos filhos e na postura de vida. Vê uma relação muito forte entre a primeira e a segunda geração e até certa dependência, tanto que ainda precisa da autorização de sua mãe para algumas coisas. Já a terceira geração caminha pela vida de maneira mais independente. Assim, atitudes são tomadas em função desses valores e expectativas que advêm das gerações precedentes (Palma, Levandowski, 2008; Piason, 2008; Wagner, 2002). Sendo a família um sistema que influencia na criação de significados, percepções, narrativas e comportamentos dos indivíduos (Sampaio, 2012).

FC conta que sua mãe segue os costumes. FC não fez “*Batmizva*”, mas segue as datas religiosas como *Pessach* e *Yom Kipur*. Diz que sua mãe se identifica com o Judaísmo, procura seguir seus preceitos, está sempre procurando se atualizar. Já sua avó não entende muito de Judaísmo, nem tem forte identificação, ela sabe pouco do dialeto ídiche e se lembra de costumes, mas que não segue mais.

Percebe-se mudanças nas formas de comportamento e de pensamento de uma geração para a outra, da filha à mãe e da mãe com a avó. Em um primeiro momento, parecem incompatíveis (Barros, 2006). Essa descontinuidade entre gerações também aparece no discurso de FA, que diz que sua mãe é o seu modelo, mas que ela não tem coragem de cobrir a cabeça como sua mãe, e sua bisavó.

Mendonça (2006) fala que os padrões interacionais familiares tendem a repetir-se. A família de origem produz modelos de comportamento, que são herdados pelas seguintes gerações, e as crenças, as regras e os modelos servem de parâmetros para as construções sociais. No trabalho de transmissão, cada família transfere sua forma de entender e apreender o mundo externo, e de organizar o interno.

MB conta que foi uma pessoa livre, no sentido que seus pais nunca lhe disseram que ela deveria namorar e casar com um judeu. Acha que por isso casou com judeu, porque teve liberdade de escolha; a mesma que dá para suas filhas. Fala que não é por alguém ser judeu que tem que casar com judeu. Suas filhas têm que ser felizes em primeiro lugar. Finaliza dizendo que elas vão na sinagoga quando podem e seu marido também. Ele veio de uma família mais religiosa e continua seguindo, por exemplo, o costume de acender as velas todas sextas-feiras. Inclusive os namorados não judeus das

filhas participam. Ela acredita que é importante a continuidade de alguns costumes, o que dá a sensação de estabilidade para as famílias (Nichols, Schwartz, 2007).

Por outro lado, a vida em família também produz transformações entre as gerações, que podem ter diferentes valores porque nasceram em diferentes períodos históricos e vivem os eventos sócio históricos diferentemente. A descontinuidade entre as gerações é mais provável em períodos de rápidas mudanças culturais, em que certos grupos operam como agentes que aceleram as mudanças, ao questionar as interpretações tradicionais, oferecendo outras interpretações. Isso se observa nas seguintes narrativas sobre a continuidade do Judaísmo nas três gerações de mulheres da mesma família:

A 1ª geração fala que os pais, e geralmente as mães, não ensinaram para os filhos que têm que ter a *Women International Zionist Organization* – organização internacional de mulheres judias – e que os filhos se casam com não judeus e as tradições judaicas se perdem (VA). A 2ª geração diz: Eu tenho certeza que eu estou fazendo a coisa certa para minha filha, porque eu prezo por um casamento judaico e quero que ela case com judeu, que tenha filhos judeus. Não depende de mim, depende dela, mas estou fazendo a minha parte (fala emocionada)” (MA). E a 3ª geração: “não tenho preocupação no momento de família, de gerações futuras, essa preocupação de preservação... Eu não consigo ter essa vontade e ter essa adaptação que ela [mãe] consegue ter...” (FA).

Numa perspectiva transgeracional, o processo de diferenciação de cada um, em relação às famílias de origem, é extremamente importante (Alarcão, 2002), como na fala acima, da mulher de terceira geração. Isso se torna um processo de lutas e renegociações internas e externas, reelaborando modos de ser e de estar no mundo (Lauretis, 1990; Lamas, 2015). Contudo, quando esse processo não é conseguido, é provável que haja uma repetição do modelo dos pais, em uma tentativa de preencher e resolver falhas emocionais (Sampaio, 2012), como no caso da segunda geração.

Alguns membros não apenas ficam em oposição à geração mais velha e à herança cultural normativa, representada pelas gerações anteriores; também ficam apartados de outros membros de sua própria geração, que se alinham com a geração mais velha. Como FB, que é da mesma geração que FA e se preocupa que seus filhos sigam a religião, ao relatar que sempre quer ir para Israel, que tem família lá, além de sempre estar ligada com dança israeli, e movimento juvenil judaico. Diz que deseja colocar os filhos em escola judaica.

Conforme contam FB e FA, cada pessoa tem uma memória familiar vinculada ao que foi vivenciado e transmitido na sua família de origem, por meio da transmissão de seus legados (Silva, Correa, 2014). Esse funcionamento poderá ser transmitido para os filhos, que terão a missão de manter vivos esses conteúdos familiares para outras gerações, mesmo que ocorram transformações através de experiências e heranças familiares ressignificadas, dando espaço para construir uma trajetória diferente da família de origem (Costa, Cenci, 2014).

De acordo com Scott Myers e Alan Booth (2002), citando Karl Mannheim (1952), a transformação social ocorre na medida em que um significativo número de pessoas das gerações mais jovens rejeita, se opõe ou altera a herança cultural criada pelas gerações anteriores e é abraçada pela maioria de seus conterrâneos. Isto aparece no discurso de FA, que fala sobre não compartilhar das práticas da mãe, que foi conhecendo mais a

religião e se tornando mais praticante ao longo dos anos, o que não aconteceu com o resto da família. Mas acha que a pessoa tem que fazer aquilo com que se sente bem. Demonstrando que segue suas crenças e tem diferenciação de *self* em relação a família nuclear (Nichols, Schwartz, 2007). E que não faria algo para que não estivesse preparada emocionalmente.

Essas constatações nos fazem entender como as gerações de mulheres vão estabelecendo, ao longo do tempo, por meio do gênero, da cultura, da família, a trama de suas vidas e suas identidades. MA fez um caminho oposto, de ser uma judia mais liberal para se tornar mais ortodoxa. Conta que sempre se preocupava com sua descendência e ascendência, e do que vai deixar ensinamentos para sua filha, já que tudo o que sabia foi sua mãe que lhe passou, além de ver seu avô rezando. Após casar, começou a frequentar o *beit chabad* com uma tia. Sua filha, conforme cresceu, passou a fazer parte de um grupo de meninas judias. Fala que era jovem e inexperiente, mãe de primeira viagem, e queria acertar em tudo.

Crenças e valores passados através das gerações (mesmo que não diretas, como no exemplo de MA, pois foi através da tia e do avô religioso que ela se tornou mais religiosa) acabam servindo de cativo para muitas mulheres, que se veem ainda na obrigação de continuar a ser responsáveis pelo bom andamento da casa, pela criação dos filhos e filhas e pela satisfação do marido (Rago, 2004; Piscitelli, 2004), querendo “acertar em tudo”, como disse MA.

Ao analisar os discursos e pensar e reconhecer a história de mulheres invisibilizadas através dos tempos, temos o compromisso com a busca da igualdade na diversidade. Durante as entrevistas, pudemos identificar que à mulher judia foi dada a principal responsabilidade de manter acesa a chama do Judaísmo, pois ela é a responsável por educar seus filhos conforme as leis judaicas, garantindo a continuidade do povo judeu, além de manter a santidade da vida conjugal. As judias mais religiosas não têm o poder de escolha de que outros espaços ocupar, que não seja o cuidado da casa e dos filhos. Isto traduz o constrangimento natural das mulheres ao espaço doméstico, em que a educação religiosa se transmite transgeracionalmente.

Porém, embora questões de índole patriarcal ainda permeiem as relações sociais contemporâneas, muitas mulheres já conseguem seguir seus desejos e sentimentos, sem levar tanto em consideração as crenças e legados transmitidos através das gerações (Scott, 2002). Percebemos isso na experiência de FA, ao falar que sua mãe “pega” forças na religião, mas que ela não, que nunca precisou se apegar às práticas religiosas. Mas gosta de estudar, e essa é a maneira que tem de preservar sua identidade como mulher judia.

Conclusão

Neste artigo, foi buscado compreender a identidade de mulheres judias ao longo de três gerações, a partir das histórias de vidas de nove mulheres judias do Rio Grande do Sul, observando como elas entendem e lidam com as normas sociais na cultura judaica, e se enfrentam cativos ao longo de suas vidas, e se existe superação de geração para geração.

As entrevistas visaram favorecer a tomada (ou o despertar) da consciência através do discurso para (re)significar e perceber como as mulheres judias construíram seus valores dentro de uma socialização inseridas na religião judaica. Os discursos foram desde aprisionamentos até de empoderamento (Cortez, Souza, 2008).

A hipótese seria a de que, quanto mais novas as gerações, maiores seriam o questionamento e rompimento de barreiras. No entanto, foi evidenciada uma descontinuidade de mitos e rituais familiares de uma geração para a outra, como MA, que resgatou alguns rituais que sua mãe, VC, já não realizava, como cobrir os cabelos, e FA que questiona alguns rituais de sua mãe, como seguir os rituais de alimentação (*kosher*), e diz não sentir vontade de realizá-los.

Crenças e valores passados entre as gerações nem sempre resultam em prisões; tradições podem ser vividas de forma não aprisionante quando há escolha consciente e a possibilidade de se seguirem os próprios desejos através da consciência da origem das tradições. Algumas mulheres se mostraram mais conscientes e conseguem romper com algumas questões sexistas, como VC, que ficou viúva cedo e teve que sustentar a casa; diz que, em primeiro lugar, sonhava em ver a neta, FC, formada, e não casada. Já MC, ao mesmo tempo em que rompeu algumas barreiras, como se divorciar e ser chefe de família, como sua mãe foi, ainda tem uma representação de mulher judia sexista, ao dizer que se sentiu judia e mulher quando se tornou mãe, papel designado às mulheres pela cultura patriarcal, o que não difere no discurso do Judaísmo hegemônico.

Um dos principais achados nesta pesquisa se refere à questão da elevação das mulheres no discurso – quando dizem que são consideradas mais espiritualizadas e escutam que por isto estariam mais perto de Deus – mas, na prática, são excluídas, como quando MB defende que as mulheres não precisam rezar em voz alta, além da separação na sinagoga; e MA que diz que a mulher deve ser recatada por causa do seu brilho e da sua sedução. Assim, mulheres são tratadas como superiores no espaço privado – já que no Judaísmo, o lar familiar é considerado o espaço mais importante – e não valorizadas nos espaços públicos, sinalizando uma cilada do patriarcado.

Por fim, esta foi uma pesquisa qualitativa, que permitiu analisar os discursos de cada mulher entrevistada em profundidade, olhar para cada mulher nas suas diferenças identitárias. Nenhuma das mulheres entrevistada poderia falar por todas mulheres judias, por isto, trouxemos os discursos em sua pluralidade, sem visar homogeneizar em uma única identidade.

Referências

ALARCÃO, Madalena. (Des)Equilíbrios Familiares. Coimbra: Quarteto, 2002.

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. Madrid: Taurus. 1974.

BARROS, Myriam Lins de. Família e Gerações. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BAUER, Martin W., GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. “Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões”. In: Martin W. Bauer;

George Gaskell (Ed.), *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 17-36.

BAUER, Martin W. e AARTS, Bas. “A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos”. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 39-63.

BBC. *Ataque a sinagoga em Pittsburgh: O que se sabe sobre o pior ataque antissemita da história recente dos EUA, que matou 11 pessoas*. Retirado de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46005062> em novembro de 2018.

BONDER, Nilton. *A alma imoral*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 186, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Masculine Domination*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

BURLAE, Krista K. “The theory of mindful space: Identifying, understanding, and preventing violence”. *Affilia*, Portland, Portland State University, v.19, n.1, pp. 85-98, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANEZIN, Claudete C. “A mulher e o casamento: da submissão à emancipação”. *Revista Jurídica Cesumar*, Caxias do Sul, UniCesumar, v.4, n.1, pp. 143-156, 2004.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar - Uma estrutura para a terapia familiar*. (Trad. Veronese, M. A. V). (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Cristofer Batista da; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. “A Relação Conjugal Diante da Infidelidade: A Perspectiva do Homem Infiel”. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, Domus, v.18, n.1, pp. 19-34, 2014.

CHIZZOTTI, Antonio. “A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios”. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, Universidade do Minho, v. 16, n. 2, pp. 221-236, 2003.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; GUIRAUD, Luciene. “Possibilidades e limites de histórias de vida por meio de depoimentos orais na história da formação de professores”. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, PUCPR, v. 9, n. 28, pp. 671-686, 2009.

CORTEZ, Mirian Beccheri; SOUZA, Lídio. “Mulheres (in) subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, Universidade de Brasília, v. 24, n. 2, pp. 171-180, 2008.

FELDMAN, Sérgio A. “A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos)”. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul, UCS, v. 5, n. 10, pp. 251-272, 2006.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade I: a vontade de saber. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 31 ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. A interpretação das culturas, v. 2, 1989.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. "Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida". Rev. Katálysis, Florianópolis, UFSC, n.10 (esp.), pp. 83-92, 2007.

GILL, Rosalind. "Análise de discurso". In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 244-270.

JOVCHELOVITCH, Sandra e Bauer Martin W. "Entrevista narrativa". In: Bauer, Martin W. e Gaskell, George (Orgs.) Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 90-113.

HALL, Stuart. "Cultura Popular e Identidade. Que "negro" é esse na cultura negra". In. SOVIK, Liv (Org.) Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; UNESCO, 2003, pp. 335-349.

KOCHMANN, Sandra. "O Lugar da Mulher no Judaísmo". Revista de Estudos da Religião, São Paulo, PUC-SP, n. 2, pp. 35-45, 2005.

KOSMINSKY, Ethel V. "Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York". Cadernos Pagu, Campinas, UNICAMP, n.23, pp. 279-328, 2004.

KOSMINSKY, Ethel V. "Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero". Estudos Feministas, Florianópolis, v.13, n.3, pp. 773-804, 2007.

LAMAS, Marta. Usos, dificultades y posibilidades de la categoría género. Revista de Estudios de Género, La Ventana E-ISSN: 2448-7724, n. 1, pp. 10-61, 2015.

LAURETIS, Teresa de. Eccentric Subjects: feminist theory and historical consciousness. Estudos Feministas, Florianópolis, v.16, n.1, pp. 115-150, 1990.

MENDONÇA, Denise. Influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal: Um estudo de caso. 2006. Trabalho apresentado para obtenção de título de doutora - Faculdade de psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

MYERS, Scott e BOOTH, Alan. "Forerunners of change in nontraditional gender ideology". Social Psychology Quarterly, University of California, v. 65, n. 1, pp. 18-37, 2002.

VON MUHLEN, Bruna Krimberg; STREY, Marlene Neves. Judeus de bombachas: marcas de gênero na imigração judaica no Rio Grande do Sul. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, 2012.

NICHOLS, Michael P. e SCHWARTZ, Richard. *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

NOBLE, Anita, ROM, Miriam, NEWSOME-WICKS, Mona, ENGELHARDT, Kay; WOLOSKI-WRUBLE, Anna. "Jewish laws, customs, and practice in labor, delivery, and postpartum care". *Journal of Transcultural Nursing*, v. 20, n. 3, pp. 323-333, 2009.

NETO, Octavio Ribeiro De Mendonça, CARDOSO, Ricardo Lopes, RICCIO, Edson Luiz, e SAKATA, Marici Cristine Gramacho. "A Contabilidade a Serviço do Nazismo: Uma Análise da Utilização da Contabilidade como Instrumento de Exercício de Poder". *Revista de Contabilidade da Universidade Federal da Bahia, Salvador, UFBA*, v. 2, n. 2, pp. 04-14, 2008.

PALMA, Yaskara A; LEVANDOWSKI, Daniela C. "Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas". *Psicologia em Estudo, Maringá, Universidade Estadual de Maringá*, v. 13, n. 4, pp. 771-779, 2008.

PIASON, Aline S. Uma questão de gênero: (Re) Construindo espaço de visibilidade às lésbicas. 2008. Trabalho apresentado para obtenção de título de mestra - Faculdade de psicologia do Programa de Pós Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

PISCITELLI, Adriana. "Reflexões em torno do gênero e feminismo". In: COSTA, Claudia L.; SCHIMIDT, Simone P. *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Mulheres, 2004, pp. 43-66.

RAGO, Margareth. "Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos". In: C. L. Costa; S. P. Schmidt (Orgs.), *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres, 2004, pp. 31-41.

RIBEIRO, Matilde. "O feminismo em novas rotas e visões". *Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC*, v. 14, n. 3, p. 801-811, 2006.

ROCHA, Elaine. "A captura de novos sentidos na história - gênero e etnia". *Revista Diálogos, Maringá, Universidade Estadual de Maringá*, v. 4, n. 1, pp. 145-160, 2017.

SAMPAIO, Daniel. *Labirinto de mágoas - As crises do casamento e como enfrentá-las*. Lisboa: Editorial Caminho, 2012.

SCARPARO, Helena. *Psicologia e Pesquisa: Perspectivas Metodológicas*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

SCOTT, Joan. "História das mulheres". In: Burke, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, pp. 63-95.

_____. “Fantasy echo: História e a construção da identidade”. *Labrys: Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, v. 1, n. 2, 2002.

SCHUSTER, Paulette Kershenovich. *Comida Judaica no México: Reflexão sobre a história, cultura e valores de uma comunidade*. REVER-Revista de Estudos da Religião, v. 15, n. 1, pp. 58-79, 2015.

SILVA, Albenício Lourenço da; LUCENA, Marta Rosenaide. “Gênero e emancipação humana: uma reflexão sócio-cultural”. In: *Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná, Brasil, 2011.

SILVA, Camila. Cuencas Funari Mendes; CORREA, Mariele Rodrigues. “Trocas Simbólicas entre Gerações: Avós, Netos e a Literatura Infantil”. *Pensando Famílias*, Porto Alegre, Domus, v. 18, n. 1, pp. 124-137, 2014.

WAGNER, Adriana. *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

WALSH, Froma et al. Crenças, espiritualidade e transcendência—chaves para a resiliência da família. M Mc Goldrick, *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*, pp. 72-89, 2003.

YOUNG, Iris Marion. “Representação política, identidade e minorias”. *Lua Nova: Revista de cultura e política*, São Paulo, CEDEC, n. 67, pp. 139-190, 2006.

Recebido: 25 de março de 2019.

Aprovado: 4 de maio de 2019.